

SPATIALITY REVISITADO CINCO ANOS DEPOIS

SPATIALITY REVISITED FIVE YEARS LATER

Robert T. Tally Jr.¹

A publicação de uma edição chinesa da minha *Spatiality* [Espacialidade, na tradução portuguesa, 2018] permite-me uma boa oportunidade para visitar os seus fundamentos e objetivos, pelo que estou extremamente grato à Dra. Ying Fang, quer pela sua tradução eloquente, quer por esta oportunidade. Escrevi *Spatiality* em 2011–2012, mas esta obra foi o resultado de muitos anos de leituras e de pensamentos, um aspeto que gostaria de destacar, em parte ao dedicar este volume ao meu orientador e mentor, o Professor Paul A. Bové, com o qual tive longas discussões sobre questões de teoria literária e crítica, durante a década de 1990. Na verdade, algumas das origens mais elementares dos temas e das ideias presentes neste livro remontam a um passado mais distante, aos meus tempos de estudante universitário ou até mesmo à minha infância, quando se conjugou um fascínio pela filosofia, pela geografia e pela história, tornando-me mais consciente das suas interligações intrincadas. Tal como referido por vários académicos, o final do século XX e o início do século XXI parecem ter sido caracterizados por uma importância crescente atribuída à área da espacialidade, revestindo-se de particular interesse as questões de espaço, lugar e cartografia, bem como as relações espaciais, de uma forma geral, e acredito que os desenvolvimentos geopolíticos recentes confirmaram, e até reforçaram, esta perspetiva. As rápidas transformações espaciotemporais que ocorrem mesmo na China, juntamente com o papel deste país numa política económica cada vez mais interdependente a nível mundial, tornam a China num local decisivo na rede global que atualmente condiciona e torna possível a verdade da experiência vivida em todo o mundo e é, portanto, também um lugar importante através do qual se pode perspetivar a espacialidade nos dias de hoje.

¹ Texas State University – EUA. robert.tally@txstate.edu - Prefácio à Edição Chinesa. Tradução de Fátima Susana Amante. Revisão de Susana Relvas.

Espera-se que a obra *Spatiality* sirva como uma introdução ao conceito e como um argumento favorável à sua inclusão no âmbito dos estudos literários. Enquanto introdução, ela é intencionalmente ampla, tocando em várias áreas diferentes sem entrar em tantos detalhes quanto alguns leitores desejariam. É também uma introdução muito limitada, particularmente considerando a pesquisa crescente e diversificada sobre aquilo que hoje designamos por humanidades espaciais. Regra geral, não discuto muito do trabalho que tem vindo a ser feito por geógrafos, nomeadamente no subcampo da geografia cultural ou literária (e o meu próprio uso deste último termo é, portanto, um tanto excêntrico, como discutirei abaixo). Fiz, também, pouca referência ao trabalho espacial associado à física, à matemática ou à informática, e não faço trabalho de análise tirando proveito de Sistemas de Informação Geográfica (SIG), os quais foram conducentes a novas áreas de pesquisa nas artes e nas ciências. Muito mais poderia também ser dito sobre arquitetura, planeamento urbano e desenvolvimento regional, para citar apenas alguns campos disciplinares para os quais a espacialidade é um conceito fundamental. E, na verdade, mesmo limitando-me às humanidades, concentro a minha atenção principalmente na literatura, na filosofia e na teoria crítica, deixando assim de lado investigação relevante em disciplinas adjacentes como a arqueologia, a arte e a história da arte, a comunicação, o cinema, a jurisprudência, a linguística, a música, os estudos religiosos e o teatro, de entre muitos outros. Finalmente, como será evidente para os leitores fora dos Estados Unidos e do Reino Unido, a obra *Spatiality* tem um pendor fortemente eurocêntrico na sua seleção de textos e de autores analisados, e essa limitação reflete o meu próprio contexto naquilo que costumava ser erradamente designado como “Civilização Ocidental”, que, para mim, envolvia principalmente uma focalização redutora nas línguas e literaturas de expressão inglesa, francesa e alemã. De facto, a teoria crítica orientada para o espaço tem contribuído bastante para questionar tais divisões artificiais, e agradeço aos muitos críticos de todo o mundo por exporem as fraquezas de uma perspetiva eurocêntrica enquanto abrem os estudos literários e culturais a um corpo de textos e teorias mais comunicativas e inclusivas. Como introdução,

portanto, a obra *Spatiality* pode servir como ponto de partida para pesquisas futuras que, necessária e positivamente, complementam e vão muito além das ideias e argumentos a serem encontrados nas suas próprias páginas.

Na verdade, *Spatiality* espelha os meus próprios interesses ao delinear uma teoria crítica e prática da literatura como uma forma de cartografia, o que explica parcialmente os seus destaques específicos e omissões. Enquanto escritor, editor e professor, tenho-me esforçado, ao longo dos anos, para promover uma variedade de abordagens à literatura e à cultura que evidenciem a importância do espaço, do lugar e da cartografia. Também tenho procurado manter a minha própria perspectiva sobre aquilo que acredito serem as correlações entre estes conceitos e práticas. A trajetória do argumento em *Spatiality* coincide com a minha teoria da cartografia literária e a sua relação com a literatura em geral.

Parto da premissa de que, na medida em que os seres humanos são animais políticos, como Aristóteles os definiu, também somos necessariamente animais cartógrafos. Não quero com isto dizer que se trata de um sentido técnico, pois o meu uso da cartografia é parcialmente figurativo, mas a subjetividade humana é fundamentalmente espacial (bem como temporal), e, portanto, orientarmo-nos em relação ao espaço e ao lugar (e, novamente, também ao tempo) torna-se num aspeto essencial do nosso Ser.

Mais recentemente, como, por exemplo, no meu livro *Topophrenia: Place, Narrative, and the Spatial Imagination [Topofrenia: Lugar, Narrativa e Imaginação Espacial]* (2019), tenho usado o termo *topofrenia* para indicar esta noção de “lugar como representação mental” elementar que caracterizou o nosso comportamento em relação ao mundo no qual nos encontramos. Na introdução a *Spatiality*, recorri à bem conhecida sinalização no mapa, “Você está aqui”, para representar esta sensibilidade topofrénica, e usando a famosa imagem de abertura da Comédia de Dante, também observo o grau em relação ao qual as nossas preocupações mais prementes podem ser percebidas na experiência de estarmos, ou imaginarmo-nos, perdidos no espaço. Com efeito, a condição existencial subordina-se ao desejo de algum tipo de representação,

que, a meu ver, é gerada na maioria das vezes sob a forma de narrativa, a qual, por sua vez, funciona como uma espécie de mapa figurativo, permitindo que sujeitos individuais e coletivos alcancem um sentimento de pertença em relação a uma formação espacial e social mais ampla, muitas vezes impercetível e potencialmente irrepresentável. Há também um aspeto temporal aqui implicado, quando tentamos situar-nos em relação a vários registos temporais da história – um dia, um ano, toda uma vida, uma época, uma idade geológica e, finalmente, a própria História – mas mesmo esta tentativa de cartografar a nossa posição no tempo é muitas vezes descrita em termos espaciais, como numa linha do tempo cronológica, por exemplo. Considero que, tal como somos contadores de histórias por natureza, também somos, em linhas gerais e inevitavelmente, cartógrafos. O termo *cartografia literária* conjuga estes elementos, já que damos sentido ou damos forma ao nosso mundo e às nossas experiências ao criarmos narrativas que funcionam como mapas.

Antes de abordar este assunto com maior profundidade em *Spatiality*, senti a necessidade de facultar o contexto para a reafirmação do espaço na teoria crítica do século XX e, portanto, comecei com um capítulo abrangente sobre “A viragem Espacial”. Apesar de não haver informação precisa sobre a data em que essa viragem ocorreu, um número de académicos notáveis em várias áreas disciplinares deixou claro que a espacialidade, juntamente com questões relacionadas com o espaço, o lugar e a cartografia, se tornou cada vez mais significativa nas humanidades e nas ciências sociais nas últimas décadas. A predominância da teoria e da crítica de orientação espacial reflete um sentimento difuso de que a nossa própria época é, de algum modo, mais caracteristicamente espacial do que outras, conforme teóricos tão distintos como Michel Foucault e Fredric Jameson asseveraram. Eu concordaria que, atualmente, as relações do espaço e espaciais adquiriram um significado crescente, mas considerando a minha afirmação sobre a condição fundamentalmente topofrénica do ser humano, também postulo que a produção histórica do espaço e a evolução das representações formais do espaço nas artes e nas ciências devem ser consideradas se quisermos entender o contexto no qual a viragem

espacial ocorreu. Assim, numa muito breve análise, tentei abarcar vários momentos da história da teoria e prática da crítica espacial, na esperança de que este capítulo pudesse servir como uma genealogia experimental e provisória da viragem espacial, como é agora evidente nos estudos literários e culturais.

Feito este enquadramento, retomo a minha ideia de *cartografia literária* no capítulo seguinte, e gostaria de enfatizar que o meu uso do termo, bem como o meu uso dos termos *geografia literária* e *geocrítica* nos capítulos subsequentes, é bastante diferente do modo como outros o podem ter utilizado. Por um lado, conforme referido pelos leitores, *Spatiality* não inclui mapas reais por assim dizer e, na verdade, ao longo da minha carreira, tentei evitar usar figuras ou mapas, na maioria das vezes, dando preferência ao modo escrito (não é apenas uma preferência, poderíamos acrescentar, mas também um modo de registar a rivalidade implícita entre formas miméticas, onde texto e imagem competem por atenção e relevância; apesar de ambos se complementarem frequentemente de uma maneira geralmente positiva, podemos dizer que os registos verbal e pictórico também oferecem representações distintas, por vezes até opostas, do assunto em questão.) Uso o termo *cartografia literária* para indicar os modos como um escritor – geralmente, mas nem sempre um escritor criativo e autor de narrativa – cartografa figurativamente o mundo descrito no texto. O capítulo examina, pois, vários meios através dos quais os escritores concretizam esta cartografia narrativa.

Se a cartografia literária é entendida como uma atividade desempenhada por escritores, então a *geografia literária*, recorrendo à terminologia que tenho vindo a utilizar, refere-se aos territórios cartografados e à forma como eles são cartografados pelos escritores. Note-se que esta não é a aceção que muitos outros têm usado, e o facto de haver discordância em relação ao que constitui a geografia literária é, tal como Neal Alexander sugeriu, um sinal de vitalidade da pesquisa que atualmente tem vindo a ser realizada neste campo. No meu capítulo intitulado “Literary Geography [Geografia Literária]” em *Spatiality*, centro-me particularmente na leitura, em oposição à ênfase atribuída à escrita, no capítulo anterior, e, portanto, uso *geografia literária* para me referir ao tipo de

trabalho que tem vindo a ser desenvolvido por críticos literários e culturais quando analisam os “mapas” produzidos por cartógrafos literários. Não pretendo com isto dizer que toda a leitura seja, por definição, uma forma de geografia literária, mas penso que a atenção dada ao espaço, ao lugar e à cartografia, pelos críticos mencionados nesse capítulo, oferece modelos para modos de leitura mais orientada para o espaço.

Nesse sentido, no capítulo intitulado “Geocriticism [Geocrítica]”, analiso a teoria literária orientada para o espaço, a qual irá incluir a abordagem geocêntrica defendida pelo crítico francês Bertrand Westphal, mas que, na forma como uso esta expressão, se estende bem para além dela. Prefiro pensar na geocrítica como uma categoria mais ampla, que abrangeria uma série de diferentes formas de crítica associada aos estudos literários espaciais e, por conseguinte, dedico esse capítulo a analisar brevemente os trabalhos de vários grandes filósofos e teóricos literários cujas obras ajudaram a dar forma aos estudos literários e culturais após a viragem espacial. Assim, no seguimento da introdução e da contextualização da viragem espacial no capítulo um, os capítulos centrais de *Spatiality* ocupam-se da produção literária, da análise e da teoria (ou, talvez, da escrita, leitura e pensamento) respetivamente, que, quando associados, operam em conjunto como forma de dar sentido ao carácter fundamentalmente topofrénico da nossa existência no mundo.

A minha conclusão, que aponta para um caminho em direção à fantasia e à utopia, destina-se a destacar mais uma vez a base existencial para estas práticas literárias. Como é perfeitamente compreensível, a cartografia é frequentemente associada ao realismo e os mapas são ferramentas excelentes para nos ajudar a entender os espaços e lugares reais que constituem o nosso mundo. Mas as pessoas não contam histórias ou fazem mapas apenas para representar o seu mundo tal como ele existe; elas também imaginam alternativas. Parte do objetivo nesse capítulo é a constatação de que todos os mapas e todas as narrativas são simbólicos e que os elementos da fantasia são, conseqüentemente, essenciais até mesmo às representações mais realisticamente miméticas do chamado “mundo real”. Mas, para além disso,

também queria demonstrar como, na nossa tentativa de fazer sentido e de dar forma ao mundo, projetamos necessariamente outros mundos. Ao abrir espaço para o fantástico nas nossas práticas críticas, abrimo-nos para a possibilidade de novos espaços.

Por vezes, o fantástico e o real sobrepõem-se de modo a mostrar-nos o quão inextricavelmente interligados eles realmente estão. As transformações radicais em relação à cultura, comunicação e tecnologia nos últimos anos podem parecer coisas de ficção científica, e na China assiste-se provavelmente, nos dias de hoje, mais do que em qualquer outra parte do planeta, a alguns dos mais espantosos desenvolvimentos socioeconómicos. Há alguns anos, publiquei um ensaio intitulado “Post-American Literature [Literatura Pós-Americana]”, no qual aludi ao espetáculo das cerimónias de abertura dos Jogos Olímpicos de Pequim, em 2008, sinalizando uma transição simbólica do que tinha sido apelidado como “O Século Americano” para o que poderia apenas ser aclamado como “O Século Chinês”. Esses rótulos não são muito importantes, já que este século – tal como o último – estará internacionalmente relacionado com todo o tipo de consequências locais e globais, mas também é verdade que as rápidas transformações espaciotemporais da vida social na China no presente a tornam um dos locais mais importantes a explorar, para qualquer pessoa que tente compreender o mundo no qual vivemos agora e no futuro. Desta forma, não tenho qualquer dúvida que a produção literária e cultural da China será imprescindível, historicamente, mas também nos anos vindouros, para o nosso entendimento e representação da literatura mundial e do sistema mundial multi-ou transnacional. Portanto, a crítica e a teoria orientadas para o espaço serão ainda mais desejáveis, e espero que o meu livro *Spatiality* seja útil para aqueles académicos que estarão na vanguarda das práticas críticas do futuro.

Recebido em 05/06/2018
Aprovado em 17/06/2018